

Cora Coralina e as pedras em seu caminho poético

Cora Coralina and the stones in her poetic path

Wallace Rodrigues¹
Universidade Federal do Tocantins

Resumo

Este escrito tenta subsidiar professores e estudantes a trabalharem com poesia brasileira em suas aulas e seus estudos. Tenta-se mostrar, aqui, as várias possibilidades sensoriais que um bom poema pode nos fornecer, estimulando-nos a sentir com mais intensidade, a viver com mais fervor e a pensar com mais inventividade. Como exemplo da riqueza estética que a poesia pode fornecer, utilizo-me aqui das várias interpretações sobre “pedra” na poesia de Cora Coralina, uma das mais importantes e representativas poetisas de língua portuguesa, uma mulher interiorana que soube descrever cada pequeno detalhe interior e exterior da vida humana. Em sua obra poética a figura da pedra é recorrente e remete a uma grande variedade de referências da memória e interpretações de suas histórias pessoais, dando-nos a dimensão criativa desta poetisa de primeira linha. Devo lembrar, ainda, que as interpretações dadas por este escrito sobre o uso da palavra "pedra" na poesia de Cora Coralina são apenas sugestões imagéticas, pois elas evocam ideias associativas, de ordem abstrata e sensorial para cada leitor.

Palavras-chave: Cora Coralina; pedra; memórias.

Abstract

This paper aims to help teachers and students to work with Brazilian poetry in their classes and studies. Hereby I try to show the various sensory possibilities that a good poem can offer us, helping us to feel with more intensity, to live with more passion and

¹ Professor assistente da Universidade Federal do Tocantins, Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden (Países Baixos), Mestre em Estudos Latino-americanos e Ameríndios (2009) e Mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea (2007), ambos mestrados da Universteit Leiden. Pós-graduado lato sensu em Educação Infantil (2012) pelo Centro Universitário Barão de Mauá (SP) e Licenciado pleno em Educação Artística (1999) pela UERJ. Áreas de interesse: Arte-Educação, Artes e Culturas Indígenas, Arte Atual.

to think more inventively. As an example of aesthetic richness that poetry can give us, I utilize here various interpretations of the word “stone” within the poems by Cora Coralina, one of the most important and representative female poets of the Portuguese language, an interior woman who knew how to describe every small interior and exterior detail of human life. In her poetry works the image of the stone is recurring and brings a variety of memory references and interpretations of her personal histories, giving us the creative dimension of this inventive poet. I must remind the reader that the interpretations about the work “stone” given by this paper and within the poems by Cora Coralina are only image suggestions, as they can evoke associative ideas of abstract and sensory order to each reader.

Keywords: Cora Coralina; stone; memories.

Introdução

A poesia é uma destas formas de arte que nos remetem a mil e uma imagens, algumas mais familiares e outras menos, dependendo de nosso repertório interior e receptividade sensível ao trabalho. Quando lendo poesia nos tornamos parte de um outro mundo, de um mundo criado pelos poetas e magicamente habitados por eles. Os poetas estão envoltos em uma magia própria! Os professores Ireneo Martin Duque e Marino Fernandez Cuesta (1982), da Universidad de Puerto Rico, nos definem o que é a imagem para a poesia:

Imagem: Elabora-se a imagem a base de relações ou de vivências psíquicas associadas de alguma maneira na mente do poeta. As imagens são o recurso mais rico que tem o poeta para o embelezamento da criação poética. Ao mesmo tempo o poeta pode fazer reviver e provocar diversas sensações na mente do leitor. (DUQUE; CUESTA, 1982, p. 23, tradução nossa).

Quando lemos os livros dos poetas somos como visitantes em suas casas. Nos tratam com carinho, com sua alegria, sua dor, seu choro, seus risos, suas mazelas e ternuras. Os poetas nos invitam a uma viagem de sonhos, de lembranças e esquecimentos, e isto me aconteceu ao ler o livro de Cora Coralina intitulado “Meu livro de cordel” que encontrei em uma livraria de aeroporto. Ali, entre os passantes diários, estava ele, firme como uma pedra e esperando por mim.

Cora Coralina, esta poeta-senhora, com Goiás na alma, nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto, em 1889 e faleceu em 1985. Cora nasceu e cresceu na Casa Velha da Ponte, sobre o rio Vermelho, hoje um lugar de memórias dedicado a sua pessoa e obra. Esta casa velha pertencia à sua família desde quando fora comprada por seu avô, no século XIX, e tem papel relevante em sua obra. Não nos esqueçamos das pedras envolvidas na estrutura desta casa, fortes como a poesia de Cora.

Desenvolvimento

Para começar a analisar um poema é preciso esclarecer a complexidade da tarefa de analisá-lo, portanto utilizo-me aqui de uma passagem de Antônio Cândido (2008) sobre a composição do texto poético e como este pode se estruturar:

...maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. (CANDIDO, 2008, p.5).

Cora Coralina publicou seu primeiro livro (“Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”) com mais de 70 anos de idade. Teve uma vida basicamente interiorana, foi doceira e teve seis filhos. De 1911 a 1956 viveu no interior do estado de São Paulo. Em 1956 voltou a viver em sua cidade natal de Goiás. Escrevia desde seus quatorze anos e só foi nacionalmente reconhecida depois que Carlos Drummond de Andrade leu seu primeiro livro e publicou uma saudação à sua grandeza poética no Jornal do Brasil, em 1980. Em 1979 Drummond lhe dirige uma carta onde se lê sua alegria por este encontro formado por causa da poesia de alma interiorana:

Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. (DRUMMOND *apud* CORALINA, 2013, s/p).

Sua obra é marcada por livros de contos, poesias e infantis. Sua “delicadeza”, para usar a palavra de Drummond, é lida em um conjunto de obras surpreendentemente admirável e rica em encantamento. Ela soube usar a poesia a seu favor, como sua amiga e confidente, deixando ver a força de sua alma e de sua intimidade com o lado “mágico” das

palavras. Utilizo-me de uma passagem de Jean Cohen (1973) sobre a força da poesia enquanto forma literária inusitada e original, como a poesia de Cora:

Seria preciso utilizar a figura para suscitar a imagem neutra das coisas, ao passo que, pelo contrário, bastaria chamar as coisas pelo seu nome (“eu digo: uma flor...”) para induzir a imagem emocional. Mas, na nossa civilização, não é assim. O nosso código é denotativo. É por isso que o poeta é obrigado a violar a linguagem se quer levantar esse rosto patético do mundo, cuja aparição produz em nós essa forma limite de alegria estética que Valéry chama ainda “encantamento”. (COHEN, 1973, p. 232-3).

Este “encantamento” me aconteceu ao ler o livro “Meu livro de cordel” e perceber a insistência poética de Cora com a figura da pedra. Esta insistência me fez criar este escrito como forma de, poeticamente, tentar compreender as várias metáforas da pedra utilizadas no livro de Cora. Faço uso, aqui, de uma passagem da artista visual e pesquisadora Maria Luiza Saboia Saddi (2011) quando escreve sobre as relações entre sonho e poesia, que pode explicar mais claramente o que busco fazer aqui:

Definir, explicar, classificar, normatizar o pensamento poético e a criação nas linguagens é como esquarteja-las para lhes entender o funcionamento e sugar-lhes a alma. Fazer isto em nome do entendimento já é um mal entendido. Estabelecer normas estéticas se volta contra a própria criação poética que é uma das formas mais intensas de luta contra a codificação dominadora. O caminho para o entendimento só pode ser o caminho poético. (SADDI, 2011, pág. 4010).

Assim sendo, as metáforas das pedras de Cora me remetem a uma bela definição de metáfora poética de Jean Cohen (1973): “Mas a metáfora poética não é uma simples alteração de sentido, é uma alteração de tipo ou de natureza de sentido, passagem do sentido nocional ao sentido emocional” (COHEN, 1973, p. 222). Portanto, parece haver algo de extremamente emocional na figura da pedra utilizada por Cora Coralina. Tento, portanto, encontrar sentidos para estas metáforas, mais para esclarecer meu entendimento do que para decifrar os meandros compositivos na poesia desta poeta. Utilizo mais uma inspirada passagem de Maria Luiza Saddi (2011) sobre a força da poesia em dar múltiplos sentidos às coisas, aproximando-se das imagens dos sonhos:

A linguagem onírica se assemelha à linguagem poética, pelos meios, pelas figuras de linguagem, pelos símbolos e sentidos, pelos sons e ritmos, pelas montagens e deslocamentos que faz, ou pela constante invenção de imagens. As poesias também são construídas por imagens metafóricas, paradoxos, analogias, ambiguidades, sentidos plurais, dinâmicos, como os sonhos. Assim vemos a reciprocidade entre sonho e poesia. (SADDI, 2011, pág. 4006).

Assim sendo, a figura da pedra da poesia de Cora mostra, então, ter múltiplos significados metafóricos. Porém, devemos ter em mente que a tarefa de “entender” um poema

é bela, porém difícil, pois “os significados são complexos e oscilantes”, para utilizar as mesmas palavras de Antônio Cândia. Portanto, para começar a buscar essas significações, coloco aqui um poema do livro “Meu livro de cordel” intitulado “Rio Vermelho”:

Rio Vermelho

I

Tenho um rio que fala em murmúrios.
Tenho um rio poluído.
Tenho um rio debaixo das janelas
da Casa Velha da Ponte.

Meu Rio Vermelho

II

Águas da minha sede...
Meus longos anos de ausência
identificados no retorno:
Rio Vermelho – Aninha.
Meus sapos cantantes...
Eróticos, chamando, apelando,
cobrindo suas gias.
Seus girinos – pretinhos, pequeninos,
inquietaos no tempo do amor.
Sinfonia, coral, cantoria.

Meu Rio Vermelho

III

Debaixo das janelas tenho um rio
correndo desde quando?...
Lavando pedras, levando areias.
Desde quando?...
Aninha nascia, crescia, sonhava.

IV

Água – pedra.
Eternidades irmanadas.
Tumulto – torrente.
Estática – silenciosa.
O paciente deslizar,
o chorinho a lacrimejar
sutil, dúctil
na pedra, na terra.
Duas perenidades –
sobreviventes
no tempo.

Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2016

Lado a lado – conviventes,
diferentes, juntas, separadas.
Conviventes.

Meu Rio Vermelho

V
Meu Rio Vermelho é longínqua
manhã de agosto.
Rio de uma infância mal-amada.
Meus barquinhos de papel
onde navegavam meus sonhos;
sonhos navegantes de um barco:
Pescadora, sonhadora
do peixe-homem.

VI
Um dia caiu na rede
meu peixe-homem...
todo de escamas luzidias,
todo feito de espinhos e espinhas.

VII
Rio Vermelho, líquido amniótico
onde cresceu da minha poesia, o feto,
feita de pedras e cascalhos.
Água lustral que batizou de novo meus cabelos brancos.

O poema “Rio Vermelho” é um bom exemplo para verificar a utilização da figura metafórica da pedra na obra de Cora. Ela se utiliza da figura da pedra por quatro vezes neste poema.

Primeiro, não podemos nos esquecer que “No meio do caminho tinha uma pedra/tinha uma pedra no meio do caminho”. A obra poética de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é uma referência a todos os poetas de língua portuguesa. O trecho do poema drummondiano “No meio do caminho” mostra a figura suprema da pedra com toda sua força metafórica, colocando-se como uma referência para todos os outros poetas que vem depois dele. O poema “No meio do caminho” foi publicado no seu livro “Alguma Poesia”, de 1930.

Outra grande referência na literatura de língua portuguesa é Fernando Pessoa (1888-1935). Seu poema “Pedras no caminho” nos traz um olhar positivo em relação às pedras em nossa vida. “Pedras no caminho? /Guardo todas, um dia vou construir um castelo...” é o que o poeta nos aconselha: das dificuldades me torno mais forte, construímos

fortalezas. Edifico meu “castelo interior” (aqui me recordo de Santa Teresa D'Ávila...) pela utilização das várias pedras que encontro no caminho da vida...

Como podemos ver, as pedras podem ter significações várias, em Drummond ela se traduz como problemas vivenciais ou como dificuldades, assim como para Pessoa. No entanto, Pessoa, em uma atitude positiva, construirá um castelo com tais pedras que encontrou ao longo da vida, fortificando-se, protegendo-se dos ataques de fora. Lembremo-nos que a alma de um poeta é como uma cachoeira de onde jorram palavras, é a fonte de onde vem sua força de expressão a tudo que o mundo lhe oferece.

Também, sabemos que os poetas dialogam entre si. Portanto, como saberemos se Cora não se inspirou em Drummond para utilizar a figura da pedra? E se Drummond não fez referência a Pessoa? Nada parece ser muito claro em poesia, mas as ligações informadas são bastante possíveis.

Ainda, no poema “Rio Vermelho” Cora Coralina coloca a imagem da pedra em quatro momentos: “Lavando pedras...” na estrofe III; “Água – pedra” e “...o chorinho a lacrimejar/sutil, dúctil/na pedra, na terra” na estrofe IV; e “...onde cresceu da minha poesia, o feto,/feita de pedras e cascalhos” na estrofe VII. As imagens que me sugerem este uso da palavra “pedra” são a amizade entre a água e a pedra, uma sempre junto à outra, perenes; e sobre sua poesia feita de dificuldades e “restos” de vida.

Vale notar que neste poema ela liga dois elementos primordiais em sua poesia: água e pedra. Parece-me que ela busca uma relação binária quando utiliza-se do “-”, hífen que separa e junta água e pedra. Se o rio é vermelho (que maravilha sensorial o rio ter nome de cor!), a cor do sangue, a água é doce, sutil, dúctil. A pedra recebe a doçura de sua amiga água em uma relação de convivência, de diferentes, de convivência, como acontece a um casal.

Segundo, as pedras do rio Vermelho parecem funcionar como guardiãs da memória do rio, das águas, das coisas que passam e que se passaram com a poeta. O rio e suas pedras foram testemunhas de idas e vindas, de seu retorno à velha casa. Ele sentiu o cheiro de seus doces, cantou para Aninha ninar, se fez presente no sempre da vida de Cora. As pedras eram parte deste rio, pois o rio do poema se compõe da relação água-pedra, suavidade e dureza, alegria e tristeza, chegada e partida. As pedras guardam a memória das coisas que passam e que se passaram com a poeta. Pedra como vestígio de vida, como prova dos acontecimentos. A figura da pedra toma, assim, uma aura de eternidade, pois enquanto nós passamos por elas, elas nos sobrevivem.

Terceiro, a pedra enquanto figuração da vida dura que teve a poeta, metaforicamente utiliza a imagem de carregar pedras, um fardo pesado, dureza, como pode ser visto no poema abaixo:

Das Pedras

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.

A fortaleza de Pessoa se torna a escada de Cora, a firmeza da casa, o sossego do leito, o caminho na estrada. Sua poesia, embrenhada de pedras, se constitui enquanto obra de versos. A poeta deixa ver que seu trabalho depende das pedras enquanto figura de composição. Aliás, falando de composição, retomo a passagem de Maria Luiza Saboia Saddi sobre as relações próximas entre sonho e poesia. Cora nos diz que teceu um tapete floreado e no sonho se perdeu.

Quarto, a figura da pedra traz em si uma gradação de valor, uma valoração. Pedras podem ser preciosas, semi-preciosas ou mesmo sem valor monetário. Porém são as pedras sem grande valor que são essenciais na construção de uma casa, de uma ponte, de um edifício, de uma torre de concreto, por exemplo. A “pedra rude” com a qual Cora faz seus versos se tensiona com a pedra doce com a qual constrói “Uma estrada,/um leito,/uma

casa,/um companheiro” para si mesma. Estes últimos elementos mostram um extremo aconchego, uma acolhida, um caminho.

Para mostrar como Cora utiliza-se desta tensão ao jogar com os vários sentidos da figura da pedra, coloco aqui uma passagem de Antônio Cândido (2008) sobre o uso da tensão na composição do poema:

No nível profundo, a análise de um poema é frequentemente a pesquisa de suas tensões, isto é, dos elementos ou significados contraditórios que se opõem, e poderiam até desorganizar o discurso; mas na verdade criam condições para organizá-lo, por meio de uma unificação dialética. (CÂNDIDO, 2008, p. 30).

Quinto e último ponto, onde evoco sugestões imagéticas sobre a figura da pedra, me remete ao poema “O Chamado das Pedras”, onde a poeta se utiliza da figura da pedra como aquela que ajuda a nos recriar em “Ninguém me estende a mão./ E as mãos atiram pedras.”. Ou mesmo da voz das pedras em “Do passado tempo/ escuto a voz das pedras:”. Coloco abaixo o poema completo:

O Chamado das Pedras

A estrada está deserta.
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
de lá muito se apagou.

Tudo deserto.
A longa caminhada.
A longa noite escura.
Ninguém me estende a mão.
E as mãos atiram pedras.
Sozinha...
Errada a estrada.
No frio, no escuro, no abandono.
Tateio em volta e procuro a luz.
Meus olhos estão fechados.
Meus olhos estão cegos.
Vêm do passado.

Num bramido de dor.
Num espasmo de agonia
Ouço um vagido de criança.
É meu filho que acaba de nascer.

Sozinha...
Na estrada deserta,

Sempre a procurar
o perdido tempo que ficou pra trás.

Do perdido tempo.
Do passado tempo
escuto a voz das pedras:

Volta...Volta...Volta...
E os morros abriam para mim
Imensos braços vegetais.

E os sinos das igrejas
Que ouvia na distância
Diziam: Vem... Vem... Vem...

E as rolinhas fogo-pagou
Das velhas cumeeiras:
Porque não voltou...
Porque não voltou...
E a água do rio que corria
Chamava...chamava...

Vestida de cabelos brancos
Voltei sozinha à velha casa deserta.

Portanto, a poesia de Cora Coralina nos enche o mundo de imagens, estimula em nós sonhos, enriquece nossos sentidos e nos traz conhecimentos. Porém, tudo isto somente é possível a partir das ressonâncias da poesia em nossos repertórios pessoais. Uso aqui uma passagem de Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006) para esclarecer que o conhecimento nos faz conhecedores de novas formas de ver o mundo e nos enriquece intelectual e emocionalmente:

...conhecer vai além da capacidade de enxergar ou de ouvir. Conhecer é compreender, é ser capaz de extrair de um objeto seus sentidos ou suas razões. Por isso, conhecer, longe de ser uma absorção passiva do repertório de alguém, exige do apreciador um repertório e um esforço de interpretação das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida. (SCHLICHTA; TAVARES, 2006, p.7).

Assim sendo, a poesia pode ser uma arma poderosa de sensibilização, de compreensão de si mesmo e de compreensão de uma língua e de uma linguagem próprias. Portanto, tanto professores como estudantes se beneficiam do uso da poesia nas aulas, já que este gênero textual nos coloca a trabalhar com imagens e significações para além de seus usos

cotidianos, criando atalhos para melhorar a sensibilidade criativa, a inventividade e o pensamento abstrato.

Considerações Finais

Como verificamos, Cora Coralina, como todo bom/a poeta, desvenda os segredos escondidos atrás das palavras. Seu tijolo na construção de sua casa firme de poesia é a palavra, porém as imagens provenientes da combinação destes signos verbais somente reforçam a poética de Cora. Utilizo-me de mais uma passagem de Saddi (2011) quando esta fala da força da linguagem verbal:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos. (SADDI, 2011, pág. 4010).

Cora, assim como o artista plástico Joseph Kosuth, nos mostra que há várias possibilidades de se trabalhar com uma “coisa”. Kosuth tentou mostrar na famosa instalação “Uma e três cadeiras”, que uma coisa é o objeto em si e outra coisa é o objeto definido pela linguagem e, ainda, que uma outra coisa é a representação imagética do objeto.

Nossa poeta se utiliza das mais variadas representações poéticas sobre a pedra e nos oferece o mesmo mecanismo de ação utilizado por Kosuth. As pedras de Cora ganham novos sentidos figurados, carregados de fortes valores afetivos e de memória, contando as histórias da poeta. Entre a palavra “em forma de dicionário”, como nos diz Drummond, que não pode representar o vivenciado e as denotações da pedra, Cora busca um mundo de múltiplos sentidos em seu repertório vivencial.

Ainda, pude notar, através deste escrito, que a multiplicidade de significados dada pelo uso de metáforas nos poemas de Cora Coralina somente confirma a riqueza de representações e imagens com as quais trabalhava esta poeta. Uma simples palavra “pedra” pode remeter a várias significações, flexibilizando e expandindo o nosso conhecimento daquilo que chamamos de “pedra”. Utilizo, aqui, uma passagem de Maria Luiza Saboia Saddi (2011) sobre a abertura a novas possibilidades através da poesia:

A poesia seria uma estratégia para impedir a fixação dos significados, para fazê-los descolarem-se dos seus conceitos para ampliar os sentidos e mostrar novas possibilidades de pensamento e de vida. Sonho e poesia alimentam-se, por que nos impedem de naufragar no mundo da profundidade, de escorregar no deslizante mundo da superfície e de nos desvanecer sob o mundo das alturas. No sonho, na

poesia, o sonhador e o poeta envolvem os três mundos e transitam por eles, sem se submeter a um único deles. (SADDI, 2011, pág. 4011).

Concluindo, a poesia é um meio significativo e rico de ensinar aos estudantes em formação a utilizarem-se de seus mais profundos pensamentos e desejos na apreciação, recriação e criação de poemas que os toquem. A poesia não deve ser somente um conteúdo didático a ser mencionado, mas deve fazer parte da vida dos estudantes, deve encher-lhes a alma e fazer deles seres mais criativos, mais inventivos, mais humanos.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula**: cadernos de análise literária. São Paulo: Ática, 2008.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 18ª edição, São Paulo: Global, 2013.

DUQUE, Irene Martin; CUESTA, Marino Fernandez. **Generos Literarios**: iniciación a los estudios de literatura. 7ª edición, Madrid: Playor, 1982.

SCHLICHTA, Consuelo; TAVARES, Isis Moura. **Artes Visuais e Música**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: **Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)**. 2011, Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012.